

# 1

*«O pregão da Avó Ximinha  
é mesmo como os seus panos,  
já não tem a cor berrante  
que tinha nos outros anos.»*

Viriato da Cruz

Dez anos depois dos inesperados acontecimentos do 27 de Maio de 1977, as quitandeiras ainda não haviam recuperado o direito natural de andar pelas ruas de Luanda a lançar pregões ao vento, pregões tão afinados e demorados como as redes de pesca a subir o convés dos dongos, vozes que doíam na alma, não sei bem porquê. Mas, quem disse que as peixeiras já não lançavam os seus pregões nas ruas de Luanda? Só se a Ilha não é Luanda. Bastava um carro abrandar a marcha frente ao hotel Panorama e era vê-las atropelarem-se entre clamores Me compra só eu, camarada, olha boa corvina... olha só o marisco, senhora, é boa gamba, mesmo fresquinha, saiu hoje no mar!

A paragem do autocarro onde descí ficava mesmo junto deste grito de mulher cheio de ânsia O camarada quer choco, vem só na minha casa, num trouxe nada pra trocar?, me interpelou uma bessangana<sup>1</sup> forte e baixa, com o seu pano

---

<sup>1</sup>Bessangana – mulher da Ilha de Luanda, vendedeira de peixe, trajando quimono, pano ao ombro a cair sobre outro pano enrolado à cintura e lenço ou turbante tipicamente enrolado na cabeça.

amarrado na bunda, o seu lenço de rodilha à cabeça. Desci com o meu saco grávido de vinho, óleo maná e sabão e segui a peixeira. Atravessámos o labirinto das casas da Ilha, cujo telhado já tinha perdido o friso vegetal das palmas secas do coqueiro, os meus sapatos lambendo o areal salgado da maré matinal, crianças corriam, os kotas axilundas<sup>2</sup> consertavam as redes sentados nos flancos das chatas e dos dongos<sup>3</sup> de cascos ao léu, três ou quatro garças, já não me lembro bem, poisadas no cume de velhas estacas verdes de algas e esfuracadas pelos minúsculos parasitas do mar calmo da baía. Entrámos num quintal repleto de eternas bugigangas domésticas, o imprescindível tambor de água, duas ou três banheiras de latão – que também eram batuques das mulheres de fama quase eterna do grupo carnavalesco União Mundo da Ilha, mulheres de alma quitandeira e tradição xinguiladora<sup>4</sup> – e algumas outras de plástico, um pneu vazio, que os miúdos levavam para o areal a diluir as suas ânsias de crescerem em acrobacias mortais, uma vassoura de piaçaba, um tanque de lavar roupa, três cadeiras de fitas, uma velha mesa de plástico com panelas pretas de fuligem, um

---

<sup>2</sup> Kota axiluanda – mais velho da ilha. Axiluanda – os naturais (da terra) de Luanda, tradução literal do kimbundu.

<sup>3</sup> Dongo – embarcação preta feita a partir do tronco escavado da mafumeira.

<sup>4</sup> Xinguiladora – de xinguilar (kimbundu): manifestar possessão espiritual.

balde de lixo com moscas em voo circular e restos de funje dentro, e meia dúzia de crianças dos zero aos seis anos de idade. Mercado paralelo montado pelo povo em cada bairro, prédio ou quintal, longe dos olhares da polícia, retorno à idade da permuta. Depositei as minhas imbambas<sup>5</sup>. A camarada peixeira me sorteou três chocos grandes e fresquinhos e uma grossa makôa<sup>6</sup> que já me sabia a calulú<sup>7</sup> de óleo palma na quieta ansiedade do palato.

Regressava feliz da vida, com o meu sacco repleto de chocos ainda a vazar tinta, quando me tocam no braço direito Cumé<sup>8</sup>, meu, marranja lá cem paus, esses gajos são fiticeros, meu, são fiticeiros, m'arranja lá cem paus, meu..., era o Primitivo, era ele mesmo, sim senhora, só que cheio de barba roxa e cabelo farto, pastoso e cinzento-escuro como uma mucubal, a camisa quase sem botões deixando ver o peito de Neandertal e uma calça de camuflado militar a querer cobrir dois pés sujos, abandonados à aspereza dos caminhos. O corpo dele era um hino vertical que incorporava a poeira do sofrimento. Tinha manchas da fuligem da tristeza e da desilusão grudadas no peito descoberto, nos antebraços e no rosto. Os dedos

---

<sup>5</sup> Imbamba – coisa, objecto de uso comum.

<sup>6</sup> Makôa – nome de peixe cabeçudo, sem escamas, prateado e alongado.

<sup>7</sup> Calulú – (prato típico de Luanda), conduto do funje, composto de molho bem temperado e peixe.

<sup>8</sup> Cumé – como é.

dos pés eram as rodas dessa máquina humana de transporte das angústias, medos e resignações, revestidas de uma espessa crosta de contemporâneos detritos pré-históricos.

## 2

Fiquei uma fracção de segundo a olhar para o rosto do meu antigo companheiro do CIR<sup>9</sup> Povo em Armas. Num repentino *flash* de lembranças, revivi o antigo Primitivo, nome de guerra do meu camarada, nome esse que ficou oficial e público, pois naquele quartel revolucionário para onde eu e centenas de mancebos na flor da idade, camponezes na sua maioria vindos da província do Kwanza-Sul, operários, lumpen-proletários, intelectuais e pequeno-burgueses, pretos, brancos, mulatos e até indianos e kilombos<sup>10</sup>, tínhamos afluído em resposta à palavra de ordem do presidente Agostinho Neto «*Estamos em Guerra e Cada Cidadão é e deve Sentir-se Necessariamente um Soldado*», ali, cada um foi rebaptizado e os nomes vernáculos deixaram de fazer parte da nossa obsoleta identidade. No terceiro dia no CIR, o camarada Suka Munhungu, nosso comissário político, me pergunta:

---

<sup>9</sup> CIR – Centro de Instrução Revolucionária.

<sup>10</sup> Kilombo – albino.